

CASA DE  
CAMILO



## **Noites de Insónia**

08 Fevereiro 2017

**Formador:** Sérgio Guimarães de Sousa

**Local:** Casa de Camilo – Museu (S. Miguel de Seide, Vila Nova de Famalicão)



## TERCEIRA PARTE

### ESTÔMAGO

#### DE COMO ME CASEI

Procurei o refúgio dos penates, o lar em que derivaram bem-aventuradas as gerações dos meus passados. Saboreei-me nas delícias do repouso, posto que em volta de mim só visse as imagens da numerosa família que descansava no pavimento da pequenina igreja. Lá estavam todos, como operários, que findaram sua jeira, e, ao entardecer, encostaram a face ao pedestal da cruz, e adormeceram.

Meditei no suave viver de meus pais, e comparei-o às dores, umas lastimáveis e outras ridículas, que me tinham delido o coração, e desconsertado o aparelho de pensamento. Viver segundo a razão, alvitre que os filósofos pregoam, é bom de dizer-se e desejar-se; mas enquanto os filósofos não derem uma razão a cada homem, e essa razão igual à de todos os homens, o apostolado é de todo inútil.

Melhor avisados andam os moralistas religiosos, subordinando a humanidade aos ditames de uma mesma fé; todavia – e sem menoscabo dos preceitos evangélicos que altamente venero –, parece-me que o homem, sincero crente, e devotado cristão, no meio destes mouros, que vivem à luz do século, e meneiam os negócios temporais a seu sabor, tal homem, se pedir a seu bom juízo religioso a norma dos deveres a respeitar, e dos direitos a reclamar, ganha créditos de parvo, e morre sequestrado dos prazeres da vida, se quiser poupar-se ao desgosto de ser apupado, procurando-os.

Como sabem, eu nunca andei em boas avenças com a religião de meus pais; e por isso me abstenho de lhe imputar a responsabilidade das minhas quedas, seja dos pináculos aéreos onde o coração me alçou, seja do raso da razão, onde as quedas, bem

que baixas, são mais ignominiosas. Eu comparo o cair das alturas do coração à queda que se dá dum garboso cavalo: quem nos vê cair, pode ser que nos deplora; mas decerto nos não acha ridículos. Ora, o cair da baixeza dos cálculos racionais é coisa que faz riso aos outros, e por isso muito comparável ao tombo que damos dum ignóbil burro. O cavalo despenha-nos, e, com as crinas eriçadas, refolga e arqueia-se com gentis corcovos. O burro, depois que nos sacode pelas orelhas, não é raro escoucear-nos. É o mesmo, se a comparação vos quadra, nas quedas do amor, e nas quedas do raciocínio. Das primeiras erguemo-nos sacudindo as folhas secas de umas ilusões, enquanto outros gomos vêm já desabrolhando na alma para mais tarde refluírem. Das segundas, não há senão lama a sacudir, e muita pisadura a curar com o bálsamo do tempo e duma vida brutalmente desapegada de tudo que ultrapassa o momento da sensação.

A este viver assim de convalescença é que eu, por não sei que simpatia com a víscera essencial das nobilíssimas funções animais e espirituais, denominei o estômago.

Não cuidem, porém, que eu hei-de consumir o restante da minha individualidade em comer. Há faculdades que não se obliteram imolando-as a uma única manifestação da vida orgânica: o mais que pode fazer o espírito é impulsioná-las, concentrá-las e convergi-las todas para um ponto. De maneira que, todas as minhas faculdades de ora em diante em volta do estômago se movem, o estômago as rege, e não há-de alguma ideia preocupar-me sem sair elaborada nas mesmas cinco horas que os fisiologistas assinam às funções digestivas.

## II

Logo que me aposentei para largo tempo na minha casa, curei de remover e prevenir todos os impeços ao sossego das minhas digestões.

Quando esta providência falta, nenhum cálculo vingará. Nenhuma semente vos desabrocha bem prosperada, se descurais o amanho da terra. Antes sair com as mãos feridas do arroteamento de carrascais e silvedos, que ver abafados os renovos entre o mato. Notem já que a minha linguagem vai adquirindo um corpo e cor, e uma certa consistência que não tinha. Os entendidos-hão-de achar que esta gravidade sentenciosa só pode dá-la uma inteligência algum tanto espalmada pela pressão do estômago. E assim é que se explicam os adiposos bacamartes do frade, cujo intelecto se nutria e

inflava nas roscas do cachaço, pedestal digno daquelas grandes e repletas cabeças. A ciência do frade, pois, era a ciência das funções alimentícias. Todo o estômago, bem regulado, produz um génio.

Convinha-me, pois, bassoirar da minha testada uma influência odiosa: era o regedor da freguesia, que nunca me havia perdoado os artigos em que lhe excruciei a estúpida ferocidade contra recrutas. A segunda vítima, destinada ao sacrifício da minha pachorrenta paz, era o vigário.

Enquanto ao regedor, as dificuldades deviam ser enormes, visto que todos os governos tinham achado nele um galopim, que vingava trezentos e vinte sufrágios.

Era preciso contaminar-lhe os créditos com a broca da retórica. Acerquei-me de três lavradores influentes da freguesia, expus-lhes a decadência do país, e a inevitável perda da independência nacional, se continuássemos a dar o nosso voto irracionalmente a deputados da confiança do regedor.

Dei em minha casa prelecções de Direito Constitucional a estes e outros lavradores levados pelos primeiros. Feri faíscas naquelas cabeças tapadas como pedreiras de mármore negro, e posso afoutamente asseverar que nunca a eloquência fez maiores milagres. Falei-lhes em nome do estômago, como Menénio Agripa, no monte sagrado, aos romanos fugidiços de Roma. Compreenderam o apólogo melhor que eu mesmo, e pediam-me com entusiasmo a repetição da história. O meu fito, remedando o meu ilustre predecessor no doutrinamento da plebe, mirava a convencê-la de que o regedor da freguesia era o cancro do estômago social. Facto admirável do instinto! Quando eu disse isto, levaram todos a mão à barriga. E assim se prova que o órgão mais sensível à eloquência é ela, e que a humanidade sofredora é um estômago desconsertado, e bem assim se prova que todos os regedores facciosos podem ser banidos da confiança popular mediante o argumento do cancro, que eu ofereço a todas as oposições.

Acertou de estar próxima a luta eleitoral. O regedor bateu às portas dos eleitores com o macete das listas, e encontrou em cada lavrador um doutrinário, um cidadão que falava da liberdade do sufrágio com muito menos parvoçadas que a maior parte dos jornalistas. Enraivecido contra as minhas sugestões, o funcionário oficiou ao governador civil, pedindo-lhe autorização para me prender. O governador civil deu a ordem pedida, mandando ao secretário que a lavrasse, e citou a lei do código eleitoral, que me applicava a captura. Ora, como quer que o secretário folheasse o código, e não encontrasse o artigo, a autoridade superior do distrito oficiou ao regedor lamentando com ele a impossibilidade da minha prisão.

Seguiu-se perder o governo as eleições, e o regedor adoeceu de maleitas.

Passados meses, caiu o Ministério, caíram as autoridades, e eu fui nomeado regedor.

Eis aqui o meu primeiro pulo na carreira política.

O meu velho inimigo, quando recebeu o ofício da demissão, tremia como Marino Faliero ouvindo as fatais badaladas de S. Marcos. Um meu criado -para nada faltar à comparação com o desastre do infausto doge- foi ao campanário da igreja, e repinicou o sino. Ao mesmo tempo, o meu vizinho Joaquim do Quinchoso atirou aos astros dois foguetes de lágrimas, que tinha sisado ao mordomo da festa do orago. Na aldeia próxima saiu à rua o tio Manuel da Bouça com o bombo, e o meu compadre João da Fonte, que fora músico das milícias de Mirandela, acordou os ecos das serras com o seu trompão.

O ex-regedor, escorrendo o suor glacial da morte, ergueu-se sobre os joelhos no seu catre, inteiriçou os braços descarnados; e, quando ia morrer nos braços do vigário, comeu uma perna de galinha, e salvou-se.

Mais um argumento da capacidade do estômago para afogar em si as decepções da política!

Como a câmara electiva fosse dissolvida, decretou o poder executivo novas eleições. Deram-me contra mim os pés o vigário e o ex-regedor. A influência do primeiro era temível. Para contrariar-lha nas vésperas do sufrágio, industriei o meu fiel criado a prender a consciência política do padre com o cabresto do garrano do mesmo. O leitor acha dura de entender esta metáfora. Foi assim: o meu criado entrou numa bouça onde pastava o garrano; tirou-o para o monte; desceu com ele a garganta de duas montanhas, e foi prendê-lo num recôncavo de matagal onde o vigário só pudesse encontrá-lo com tardias informações de algum pastor desgarrado por aquelas brenhas. Cumpre, porém, dizer em pró da minha equidade que o garrano, indigno de ser castigado com o amo, recebia todas as noites porção de feno, e bebia do arroio límpido que lhe banhava os pés.

O vigário, azoado com a perda, e tolhido de ir arengar aos paroquianos das aldeias vizinhas, sentiu-se baldo de entusiasmo e patriotismo, e deixou o seu correligionário em campo.

Venci as eleições por espantosa maioria. Disse-o o sino a reboar por aquelas quebradas; disseram-no as violas e zabumbas de sete aldeias; o ar incendiou-se de foguetes de três estalos, e eu fiz subir às nuvens um balão, feito de jornais, em que eu fora redactor.

O garrano voltou, nesse mesmo dia, à porta do vigário, que o estreitou ao peito em fervoroso amplexo, e exclamou:

- Fizeste-me perder a eleição; mas para outra vez a ganharemos! Vem, filho pródigo!

### III

Dois meses depois, recebi o hábito de Cristo, solicitado pelo governador civil.

Seguiu-se a romaria de S. Joao, e eu levei o hábito. O ex-regedor, quando me viu a cruz e a fitinha escarlate, estava encostado a uma pipa bebendo o seu quartilho, e discorrendo acerca do real d'água, e quinto para a amortização das notas, que ele chamava uma ladroeira. De repente dá de cara comigo. Cai-lhe da mão convulsa o copo, encosta a fronte pálida ao ombro da taverneira, que tinha boas espáduas para suportar aquela esfera de granito, e ia desmaiar, quando, ao chegarem-lhe aos beiços uma caneca d'água, ele disse que o mais acertado era chegarem-lhe vinho. E bebendo, recobrou-se de cores, ganhou o aprumo, e, para disfarce, deu um piparote nariz da moça.

Deixá-lo lá com as suas foscas, o infeliz! Come-lhe as entranhas o rancor político. Um dia virá em que ele, descoroçoado de apanhar a regedoria, veja a Pátria pelos olhos de Bruto, e, com *b* pequeno, se deixe morrer duma fartadela de rojões de porco, sem alguma esperança de renome entre as vítimas do patriotismo. Não! Pobre tolo que tinhas em ti uma alma tal e qual, *ceteris paribus*, como a dos grandes estadistas, que se hão-de rir de tuas agonias: não, meu émulo desditoso, a posteridade falará de ti, as gerações provindouras lerão nesta página, mais durável que o bronze das estátuas, o teu infortúnio e a minha generosidade. *Vae perennius victis!*

O hábito de Cristo foi causa a episódios não despiciendos nestas memórias.

No arraial de S. João andava o sargento-mor de Soutelo com sua filha única, Tomásia.

Tomásia era mulher de carne e osso mais que o ordinário. Vestia de amazona: mas ficava um pouco aquém dos limites da elegância, porque era mais larga na cintura que nos ombros, - visível defeito do vestido. Tinha uns longes de cara admiráveis: figurava-se-me uma flor de magnólia entre duas rocas de cerejas.

O sargento-mor, que também era cavaleiro de Cristo, desde 1812, pensava desde muito casar Tomásia com cavaleiro da mesma ordem. Conhecia-me ele de nome, e formava de mim opinião desvantajosa: não assim a moça, que me tinha visto anos antes, numa festa de Endoenças, e gostara de me ver com a opa verde de irmão das almas, funcionando nas cerimónias da igreja.

A casa do sargento-mor rendia quinhentas medidas de centeio, meia pipa de azeite, e vinte carros de castanha; sustentava três juntas de bois, e quatro irmãos padres.

O leitor ignora, talvez, a hierarquia dum sargento-mor. Pensa que é uma patente destas que enchem a cobiça do coração de uma costureira ou criada de sala, a quem o sargento oferece sua alma e oito vinténs diários de pré?

O sargento-mor das antigas milícias era um potentado, imediato na hierarquia ao capitão-mor, com quem por igual se repartiam os lombos e os respeitos sociais. O baque da monarquia absoluta, esmagando com os privilégios o acatamento que os privilegiados incutiam, respeitou o sargento-mor de Soutelo. Os povos reverenciavam-no ao teor antigo, e testemunhavam seu acatamento presenteando-o com lombos de cevado, tal e qual como nas ominosas eras em que o sargento e o capitão mores representavam, no aparelho gástrico do absolutismo, um dos intestinos mais importantes - o recto, se quiserem.

Tomásia era uma rapariga desempenada, e com olhares derretidos. De entendimento era escura, como quem não sabia ler, nem tivera, alguma hora, desgosto de sua ignorância. Tinha vinte e seis anos, e nunca estivera doente. Nunca tomara chá nem café. Almoçava caldo d'ovos com talhadas de choiriço. O sol ao nascer, nunca a surpreendeu em jejum. Trabalhava de portas adentro com as criadas: fazia as barrelas, fabricava o pão, administrava a salgadeira, e vendia os cereais e as castanhas. Regularmente calçava soquinhas debruadas de escarlata e sarapintadas de verde. As meias eram de lã ou algodão azuis; mas não usava ligas, de jeito que as meias caíam em refegos à roda do tornozelo - o que não era feio. Nas romarias, calçava sapato de fitas, e trazia chapéu desabado com plumas brancas. Os pulsos eram duma cana só, como lá dizem para exprimirem a força. Cada palma de mão parecia uma lixa; e elogiar-lhe o cuidado das unhas seria adulação indigna da minha sinceridade. Dentes nunca os vi mais ricos de esmalte. Limpava-os com uma erva do monte, que lá chamam mentrasto; e as pomadas das suas opulentas tranças louras eram a água cristalina do tanque em que ela mergulhava a cabeça todas as manhãs. Sentava-se depois à sombra dum castanheiro, nos dias festivos, a pentear-se, e era belo vê-la então coberta de seus cabelos até à cintura, que moira mais linda a não sonharam poetas, em orvalhadas de S. João, alisando as madeixas com pente de ouro.

Assim foi que eu a vi, quando cheguei à janela do quarto em que pernoitara na casa do sargento-mor, descendo eu duma feira onde fora vender um macho, e comprar bezerras para criação.

#### IV

O pai de Tomásia, erguida a toalha da mesa, onde almoçamos, às sete horas da manhã, sopa d'ovos, salpicão, batatas ensopadas com tocinho, e tocinho cozido com batatas, disse-me que sua filha estava casadeira, e ele disposto a casá-la comigo, se eu quisesse. Antes que eu respondesse, inventariou os seus cabedais, o valor do património dos seus quatro irmãos padres, os quais estavam presentes, e unanimemente disseram que tudo deixavam por escritura a sua sobrinha.

Pedi espera de alguns dias para responder; e a instâncias de todos, passei aquele dia em Soutelo.

Tomásia, que tinha almoçado na cozinha, segundo o seu costume, quando havia hóspedes em casa, apareceu-me, meia hora depois do almoço, perguntando-me se queria comer uma tigela de requeijão e beber um pichel de vinho verde.

Gostei desta patriarcal franqueza, e desci à cozinha, onde encontrei sobre a mesa do escabelo, adorno da lareira, uma tigela vermelha vidrada com requeijão, e um pichel reluzente de estanho a trasbordar de espumoso vinho verde. Tomásia sentou-se do outro lado, e comeu e bebeu como a filha de Labão com Jacob.

Conversámos nestes termos também patriarcais:

- Quantos anos tem a Senhora Tomásia? - perguntei.
- Vinte seis, feitos pela Santa Luzia.
- Muito bem empregados. Admiro que vossemecê não esteja ainda casada!
- Ainda não é tarde.
- Também digo: mas quem é tão bonita como a Sr.<sup>a</sup> Tomásia onde quer acha um noivo.
- Sou sã e escorreita, Deus louvado. Se lhe pareço bonita, isso é dos seus olhos. Coma uma colher de requeijão, e beba, que o vinho está muito fresco.
- Está excelente, mas eu não posso mais.
- Então fraco homem é!
- Almocei contra o meu costume. Estou afeito a almoços leves de café ou chá.
- Credo! Vossemecê bebe chá por almoço?!
- Pois então!
- Ora essa! Cá em casa há chá, que o compra meu tio padre João, mas é para as dores de barriga. À minha boca nunca ele foi, em boa hora o diga!
- As comidas fortes dão-se bem com o seu estômago?
- Ora se dão! Nunca estive doente dois dias a fio.

- Costuma cear?  
- Pudera não! Almoço, janto, merendo e ceio: é o costume cá de casa; e vossemecê?  
- Eu começo agora, desde que vim para a aldeia, a comer melhor; mas não pude ainda habituar-me a cear.

- Pois quem não ceia, toda a noite rabeia; é ditado dos velhos. Então não come mais?  
- Mais nada.  
- Pois se quer vir daí até à casa da eira, eu vou lá ver o que fazem os moços. Isto de servos, se a gente lhe tira os olhos de cima, pegam a mandriar que não fazem nada. Quer vir?

- Com muito gosto.  
Tomásia encheu um grande cabaz de fruta, e uma cabaça de vinho.  
- Levo isto aos moços - disse ela - porque eles, quando eu chego à sua beira, estão sempre a olhar-me para as mãos.

- Se quer, eu levo o cabaz e o vinho - disse eu.  
- Não é preciso: eu posso bem com isto.  
- Ao menos deixe-me levar uma das coisas.  
- Então leve a cabaça, que pesa menos.  
Caminhámos ombro a ombro para a casa da eira.  
Tomásia parou muitas vezes a saudar os velhos e velhas que ia encontrando.

Os velhos diziam-lhe:  
- Deus te guarde, flor.  
E as velhas já de longe vinham dizendo:  
- Aí vem o anjinho do Céu, a mãe da pobreza.  
E ela ia tirando do cabaz alguns punhados de fruta para dar às que não a tinham de sua casa.

Passamos no adro da igreja.  
Em frente da porta principal, Tomásia depôs o cesto sobre o baixo muro do adro, fitou os olhos no santo, que tinha o seu nicho sobre a padieira da porta, fez curta oração, benzeu-se, e tomou o cabaz.

Ao assomarmos ao beirado da eira, os criados, que andavam a limpar o centeio com pás e peneiras, redobraram de canseira.  
- Assim que nos lobrigaram - disse Tomásia -, olhe como eles labutam! São uns calaceiros daquela casta!

E levantando a voz, disse:

- Venham à fruta, a ver se refrescam. O serviço, que vocês todos seis têm feito, fazia-o eu sozinha com uma perna às costas. Sempre estão umas rabaças, vocês!

Enquanto os criados comiam sofregamente as cerejas, as peras, os malápios e os gil-mendes, Tomásia, ora com a pá, ora com a peneira, limpou uma rima de centeio, procurando a eminência mais ventilada da eira. O vento sacudia-lhe levemente a fimbria da saia de chita curta de grandes refegos na cintura. Como erguia os braços ao alto, as largas mangas da camisa arregaçavam até aos ombros, e os folhos alvíssimos do peitilho, soprados pela viração, descobriam-lhe o seio, até onde o vento pode descobrir sem desairar o pudor.

Pareceu-me bonita assim, muito mais que vestida de amazona, calçada de duraque, e emplumada, qual a vi na romagem de S. João.

Voltaram os servos para o trabalho, e Tomásia veio sentar-se ao pé de mim debaixo dum coberto de colmo.

- Está fatigada? - disse-lhe eu.

- Àgora estou! Vim para aqui fazer-lhe um migalho de companhia, e depois torno lá. Hoje o pão há-de ficar nas tulhas, custe o que custar.

- E deixa-me sozinho aqui!?

- Vossemecê, em se aborrecendo, vá para casa que lá está o pai e os tios. Vá jogar a bisca com os padres, que eles gostam muito. Sempre são!... Eu se tivesse filhos, padre, Deus me perdoe, é que não havia de ser nenhum!

- Porquê? Tem zanga aos padres?

- Àgora tenho; os padres são a imagem de Deus; mas não fazem nada numa casa; dizem a sua missa, vão aos enterros e às festas, mas coisa de botarem a mão a uma sachola para tapar uma poça, ou cortar um agueiro, isso não é capaz! Olhe vossemecê ali em minha casa quatro padres duma assentada sem fazerem nada, a olharem uns pròs outros, e a lerem a gazeta de Lisboa... Eles aí vêm... é milagre saírem de casa a esta hora! Vêm cá pr'amor do Sr. Silvestre.

Chegaram os quatro clérigos, e um deles vinha com a *Nação* em punho, explicando aos outros um relanço difícil do artigo de fundo.

Fui consultado acerca da passagem obscura, e o meu parecer esclareceu as dúvidas. Tomásia, enquanto eu falava uma linguagem para ela inapercebida, estava com os olhos postos em mim. Os padres louvaram a minha esperteza, e o mais velho, oráculo dos outros, disse:

- Ora o Senhor, com esse talento que Deus lhe deu, devia ser realista!... É uma ingratidão não defender a religião de nossos pais, quem tanto deve à Providência.

Redargui que respeitava a religião de nossos pais, e que a política era uma coisa incidental na vida das nações, de todo o ponto estranha à religião.

Discutimos mansamente uma hora.

Tomásia fatigou-se logo de nos ouvir, e foi trabalhar.

## V

À hora da sesta, fui sentar-me num escuro souto de castanheiros, e meditei.

Estava o estômago no mais activo de sua quilificação. Havia uma insólita claridade no meu espírito. Nenhum devaneio dos que arroubam poetas em ermos e sombras me perturbava o cozimento das pingues substâncias em que abundara o jantar. As minhas meditações eram pachorrentas, terra a terra, sem enlevos que me deslocassem da felicidade do momento para me transportarem ao passado, onde estava a saudade, ou ao futuro donde me podia estar mentindo a esperança.

Que a saudade, para além dos trinta anos, é uma enchente de lágrimas que desborda o peito daqueles mesmos que se não sentem viver no coração.

E a esperança é uma virgem de encantos doidos, a qual vos não deixa gozar os encantos doutra virgem, que vos alinda os bens presentes.

E a meditar assim, adormeci, reclinado sobre uma moita de malmequeres e boninas.

Quando acordei, tinha sobre a face um lenço de linho, branco de neve.

Enxuguei o suor, relanceei em derredor os olhos, e vi, a distância de cem passos, Tomásia, sentada à beira dum tanque, coberto de ramagens de parra, costurando, e cantando a meia-voz.

- Boas tardes, Sr. Silvestre! - disse ela, risonha. - Ande lá que se regalou de dormir; e se não sou eu, as moscas e os mosquitos chupavam-lhe o sangue.

- Muito obrigado, menina.

- *Menina!* - tornou ela. - Eu sou mulher, não sou menina.

Ergui-me, e fui lavar a cara na bica do tanque. Tomásia tirou o seu avental de linho para eu me limpar. Sentei-me, depois, à sua beira, e vi que ela estava remendando uma camisa.

- Remenda o teu pano, e chegar-te-á ao ano; torna-o a remendar, e tornará a chegar - disse ela.

Estivemos silenciosos alguns segundos. Cortou Tomásia o silêncio, perguntando:

- Vai-se embora amanhã?

- Vou.

- Não gosta de estar connosco?

- Gosto; mas cada um de nós tem a sua casa.

- Isso é verdade... - disse ela, com a mão da agulha suspensa, e os olhos fitos em qualquer coisa distante.

- É feliz, não é, Sr.<sup>a</sup> Tomásia?

- Feliz é quem está no Céu. Diz meu tio padre João que neste mundo ninguém é contente da sorte que tem.

- Que lhe falta a si? Não tem tudo o que deseja?

- Eu desejo pouco...

- Então que mais quer para ser feliz?

- Queria que o Sr. Silvestre se deixasse estar mais alguns dias por aqui; mas, se tem que fazer na sua casa, vá. Lembra-se quando estivemos, faz dez anos para a Semana Santa, nas Endoenças de Santo Amaro.

- Lembro.

- Pois olhe que nunca mais me esqueceu! Vossemecê lembra-se de me ver?

- Mal me recordo...

- Lá me parecia...

- Porquê? Tem razão para supor que eu não a devia lembrar?

- É um modo de dizer... Nem se lembra que eu lhe dei duas cavacas em casa do Sr. Vigário?

- Ah! Agora me lembro... que me deu duas cavacas a *Madalena*.

- Pois era eu que ia de *Santa Maria Madalena* na procissão do enterro...

- Ora, se lembro!... Levava os cabelos loiros com laços de fita, não levava?

- E vestido vermelho de cetim.

- Tal e qual. Que linda ia! Fiquei a pensar em si muitos dias...

- Mas esqueceu-se, e nem me conheceu agora. Uma rapariga em dez anos muda de cara; estou já velha...

- Não está sequer mudada, menina.

- E ele a dar-lhe!... Não gosto que me chame *menina*. Chame-me Tomásia.

Neste momento, chegou o sargento-mor, e disse com muito afável gesto:

- Ó rapariga, olha que teus tios já lá estão perguntando se tu fugiste com o Sr. Silvestre.

- Estamos a tratar disso, meu pai; quer vossemecê fugir também connosco? - respondeu ela com muita graça e desembaraço.

- Pois vamos lá com Deus.

E o velho, aproximando-se mais, reparou na costura de Tomásia, e disse:

- Não tens vergonha de estar a remendar camisas, diante deste senhor?

- Àgora tenho! Pois isto é vergonha? Vergonha é trazê-las rotas. Ó Sr. Silvestre, ainda que eu seja confiada, diga-me: quem lhe arranja a sua roupa?

- A minha roupa está sempre desarranjada; quando se rompe, compro outra.

- É bom governo esse! - tornou ela. - Assim é que há-de ir para diante a sua casa!... Se eu morasse mais perto de si, dizia-lhe que mandasse a roupa para cá... Ri-se? Talvez cuide que eu não sei engomar! Veja o colarinho da camisa de meu pai como está rijo!

- Pois o melhor de tudo - atalhou o velho - é que o Sr. Silvestre venha cá para casa de vez, e então lhe tratarás da roupa.

Tomásia compreendeu o figurado do dizer, e pôs os olhos na costura.

Chegavam os padres, discutindo outro ponto do artigo de fundo da *Nação*, e caminhámos todos polemicando, até chegarmos a um campo marginal do rio, onde o sargento-mor tinha uma pequena casa com adega.

Entrámos na adega, cuja frescura consolava. Pouco depois, chegou uma rapariga com o cesto da merenda. Era uma travessa de barro vermelho cogulada de trutas fritas.

Tomásia foi a uma poça colher celgas e agriões de que fez salada, depois de esfregar as mãos com areia da margem do rio.

Rodeámos uma dorna de fundo ao alto, sobre a qual se colocou a travessa das trutas, e o alguidar da salada, donde nos servimos todos com garfos de ferro mui lustrosos.

Tomásia tirou uma truta para cima numa fatia de pão, e sentou-se no socalco da pipa, donde tirava o vinho, que ressaltava espumando pelo batoque. Bebíamos todos do mesmo pichel de estanho; e o pichel, quando caía na mão dum padre, voltava vazio à torneira.

- Dão-me que fazer os tios!... - disse Tomásia a rir.

- Anda lá, rapariga - acudiu o padre João -, que tu também gostas de ver o fundo à caneca... Essas cores não se criam com água.

- Bebe, bebe, cachopa - disse o sargento-mor -, que o vinho é meia manutenção.

Quando o pichel passou da minha mão à de Tomásia, reparei que ela assentou os lábios no rebordo molhado por onde eu tinha bebido. E, como visse que eu dera fé, corou.

Ao entardecer, voltamos a casa.

## VI

Depois da ceia, Tomásia saiu a uma varanda de cantaria, que dominava dilatadas várzeas, orladas de arvoredos.

Os padres, o sargento-mor, e eu ficámos praticando em sistemas de governo, e discutindo as vantagens da representação nacional sobre o alvitre dum só homem. Os ardores da polémica eram refrigerados com beijos no pichel, beijos longos, longos, e absorventes como beijos de amantes.

O sargento-mor, como já não entendesse as teorias absolutistas dos irmãos, nem as minhas de emancipação social, adormeceu encostado ao espaldar duma cadeira de coiro.

A questão foi esmorecendo consoante as forças intelectuais iam convergindo para o labor da digestão. A ceia tinha sido pouco menos chorumenta que o jantar. Afora duas galinhas, amarelas de gordas, com o seu préstimo de salpicões, no centro da mesa, estava o alguidar do anho assado, que loirejava estirado sobre um vasto plano de arroz, ataxiado de rodelas de linguiça.

Três padres foram deitar-se, e o mais letrado dos quatro, padre João, disse-me se eu queria ir à varanda ver o rio prateado pela lua, e as penumbras dos altos cerros circumpostos à graciosa aldeia.

Quando passávamos para a varanda, parei, e pedi ao padre que parasse.

Estava Tomásia cantando uma toada popular, triste como todas as cantilenas populares do Minho e Trás-os-Montes. A melancolia não a dava a letra menos que a música. Dizia assim:

Teus cabelos me prenderam,  
E teus olhos me mataram;  
Teus lindos pés me fugiram,  
Quando morta me deixaram.

Entre as mãos frias de neve  
Um raminho me puseste;  
Levaste as rosas e os cravos,  
Deixaste murta e cipreste.

Entrei de surpresa na varanda, e disse à maviosa cantora:

- Quem lhe ensinou essa letra tão triste e bonita?

- Ai - exclamou ela. - Não cuidei que estava aí... Estas cantigas eram as da menina de Chaves.

- Quem era a menina de Chaves?

O padre tomou à sua conta a resposta e disse:

- Era a namorada dum meu condiscípulo no seminário de Braga, que morreu de amores por ele no convento de Sant'Ana, e ele também morreu por ela. Eram ambos de Chaves. Eu fiquei com o papelinho em que a coitada escreveu as coplas, que minha sobrinha canta a chorar.

- E está a chorar! - disse eu, vendo-lhe nos olhos espelhado um raio da Lua.

- Não, que eu - disse Tomásia entre risonha e lagrimosa - tenho uma pena da criatura!...

- Dela somente? - interrompi.

- E dele, que lá foi procurá-la ao outro mundo.

As lágrimas desta mulher que nome têm, se não são a sublime poesia da ternura, que eu ainda agora encontro pela primeira vez!... - disse eu entre mim, de modo que o estômago me não ouvisse. E as cinzas, que foram coração, estremeceram levemente.

## VII

Ao amanhecer do dia seguinte ouvi a voz do sargento-mor, que passeava no pomar contíguo à casa.

Desci ao pomar, e perguntei-lhe se tinha resolvido seriamente dar-me sua filha.

O velho encostou o queixo às mãos que assentavam sobre uma bengala alta de cana encastada em marfim, e disse:

- Eu tenho uma só palavra: sou o sargento-mor de Soutelo, cavaleiro professo na ordem de Cristo desde 1812, e cavaleiro da ordem da Verdade, filha de Cristo, desde que me conheço. Dou-lhe minha filha, com a condição de que o Sr. Silvestre há-de viver comigo, enquanto eu vivo for; depois, se quiser, leva a mulher para sua casa. Não a doto com isto nem com aquilo. Tudo que eu tenho e têm meus irmãos dela é. O Senhor entra aqui mais como filho, que como genro. Come, bebe, e veste da casa. Os rendimentos da sua aplique-os ao desempenho dela, que, pelos modos, o Senhor lá por esse mundo gastou muito e mal. Pagou o tributo; todos o pagam cada um por seu feitio. Eu também as fiz boas, e vi-as fazer piores a meus irmãos padres, quando já tinham a cabeça rapada. Agora com águas passadas não mói o moinho. Faça-se homem, e descanse. Mande ao diabo as

extravagâncias e os prazeres das cidades. Aqui é que reina a paz e a alegria nas boas consciências.

Proseguiu o sargento-mor até que a filha assomou à janela da cozinha, dizendo:

- Venham daí ao almoço.

- O Senhor vai hoje ou fica? - perguntou, no caminho para casa, o velho.

- Vou dar as providências necessárias, e voltarei, passados vinte dias, para ficar.

- Isso é decidido? É palavra de cavalheiro?

- Não mereço que o respeitável pai de Tomásia me faça essa pergunta.

- Desculpe à minha satisfação estas dúvidas. Boas são as venturas de que a gente duvida, quando as tem já na mão.

E abraçou-me com os olhos húmidos.

Estávamos à mesa. Tomásia, segundo o seu costume, andava da sala para a cozinha, levando e trazendo pratos e iguarias.

O pai mandou-a sentar a meu lado.

Padre João, meu vizinho da direita, rolou o abdómen para dar lugar à sobrinha.

Tomásia parecia outra no acanhamento, e não desfitava os olhos do pai.

- Tu que me queres, moça, que olhas tão sisuda para mim? - disse ele. - Ó rapariga, o sangue parece que te quer saltar pela cara! É assim, é assim que eu vi tua mãe há trinta e dois anos. O casamento dela foi tal qual como o teu. Soube-o na véspera do dia como tu, e eu resolvi-me, de à noite para pela manhã, porque ela era virtuosa, trabalhadeira, e pura como as estrelas do céu. Aí tens o teu noivo, Tomásia. Bebamos à saúde do nosso Silvestre!

Saíram do armário sete canecas de louça da Índia com que as saúdes se fizeram.

- São as mesmas que serviram há trinta e dois anos em casa de meu sogro - disse o sargento-mor.

Eu fiz um brinde em termos chãos à minha nova família.

Durante o almoço, Tomásia nunca me esperou um olhar.

Findo o almoço, perguntei por ela para despedir-me, e soube que estava na igreja.

Esperei-a. Entretanto, padre João entregou-me a certidão de idade da sobrinha, e pediu-me que no mais breve termo lhe remetesse a minha para se lerem os banhos.

Voltou Tomásia acelerada porque a foram chamar. Logo que pode falar-me a sós, tirou do peito um embrulho, e deu-mo, pedindo-me que lançasse ao pescoço o que ia dentro do lenço. Despedi-me, e abracei-a. Tomásia não quis que outra pessoa me segurasse o estribo, quando eu montava.

- Já cuida dele como de coisa sua! - disse o velho a rir, e os padres riam todos.

Depois tornou ela dentro à casa, mandando-me que esperasse um pouquinho, e veio logo com um pequenino alforge.

- É para o caminho - disse ela, atando-o às fivelas da sela.

Dei o último adeus, e Tomásia subiu ao topo de um outeiro donde se avistava grande espaço de estrada, e ali estava acenando-me até que me sumi numa baixa de serra.

Abri o embrulho: era um *Agnus Dei*, encastado em prata.

O lenço, que o envolvia, tinha no centro um coração com muitos aleijões, atravessado por uma flecha que a caprichosa bordadeira deixava ver em todo o seu comprimento, de modo que parecia uma seta grudada ao coração.

Dali três léguas, sentei-me à sombra duns azinheiros, e abri o alforge: era uma galinha assada, uma cabaça de vinho, e um pão.

A leitora de coração fino e melindroso pergunta-me se eu gostei daquilo, se me não seria mas saboroso encontrar um ramo de flores?

Não, minha Senhora, eu gostei muito mais de encontrar a galinha, o pão e a cabaça.

Os prazeres das flores cedo-os bizarramente aos amadores de V. Ex.<sup>a</sup>, e a V. Ex.<sup>a</sup> não levo a mal que se ria da filha do sargento-mor de Soutelo, que punha flores aos santos, e cuidava seriamente do estômago das pessoas que lhe eram caras.

## VIII

Cheguei a minha casa, e estranhei-a como se não fosse a minha.

Vi uns velhos criados, que se moviam taciturnos e tristes. Pesava-me no peito aquela solidão, mais amargurada pelas lembranças da infância. O espírito refugiava-se em Soutelo, e eu pasmava de não sentir renascer o coração ao calor daqueles desejos, que semelhavam saudades.

Abreviei os meus arranjos, fazendo ler o primeiro proclame do meu casamento no dia imediato que era domingo, dispondo novos arrendamentos dos bens, demitindo-me da regedoria, e comprando na vila próxima algumas prendas de noivado.

Nestes preparativos, andava comigo um contentamento plácido e sereno como eu nunca houvera experimentado. Adormecia e acordava alegre, bem que esta alegria do despertar não fosse um alvoroço, uma embriaguez de gozo como eu sentira em outra idade, nos efémeros prazeres, ou meras esperanças de os alcançar. Agora, a minha satisfação era toda ver-me sequestrado do mundo, estimado de cinco velhos felizes, ligado

a uma mulher inocente, moldada pelas doces imagens que eu julgava extintas nos tempos bíblicos. Figurava-se-me a minha vida futura no decurso de trinta anos, que podia ainda viver. Antevia a uniformidade dos meus dias, iguais, sossegados, vividos na intimidade, no trabalho sem fadiga, e no respeito e estima dos meus conterrâneos. Lia da minha pequena livraria os poetas bucólicos, e especialmente relia e decorava uma ode de Meléndez, que principiava assim:

Ya vuelvo a ti pacifico retiro;  
Altas colinas, valle silencioso  
Término a mis deseos,  
Faustos me recibid; dadme el reposo  
Por que en vano suspiro  
Entre el tumulto y tristes devaneos  
De la corte enganosa:  
Com vuestra sombra amiga  
Mi inocencia cubrid, y en paz dichosa  
Dadme esperar el golpe doloroso  
De la parca enemiga...

.....

Algumas vezes interrogava a minha consciência, perguntando-lhe se eu amava Tomásia. Não me respondia, por se julgar desautorizada para a resposta. Ao coração é que tocava o discutirmos semelhantes pontos de pouquíssima importância para o complemento da minha felicidade. Eu tinha lido a *Bíblia*, e não vira lá os patriarcas oferecendo ou pedindo amor às mulheres com quem se esposavam. Booz não diz a Ruth que a ama. Jacob, conquanto dessimpatize com os olhos doentios de Lia, não se declara amoroso de Raquel. Abraão casou com Sara sem se despendar em maravalhas do coração. Na Idade de Ouro, a mulher era a fêmea do homem: casavam para procriarem, segundo suas espécies, e procriando envelheciam ditosos.

O amor inventou depois o estragamento dos bons costumes gregos e romanos, como coisa necessária e acirante aos paladares botos dos filhos viciosos das cidades.

Ainda agora nas aldeias, afastadas dos focos da corrupção, coisa que eu nunca ouvi dizer é: «A Maria do Ribeiro *ama* o António da Capela.» Lá não se diz *ama*; é – *querem-se*. «Querem-se» é outra coisa; é amalgamarem-se num só ser, em uma só vontade numa identidade d'alma e corpo tal, e tão uma, que nem se sequer cogitam se há desgraça com

força de desuni-los à quem da morte. E para lá da sepultura ainda eles têm como segura a vida imortal em união de penas ou glórias.

O amor dispensa-se onde está a profunda estima. Lá, nesses consórcios bem-aventurados, que florescem obscuros nas gargantas das serranias, e nas selvas, que bordam as margens dos rios, não há tempo nem ocasião de discutirem subtilezas do coração. Crê-se ali que o vínculo é eterno, e o sacramento do matrimônio uma religião, ou o dogma mais sacratíssimo dela. Pode ser que nem isto mesmo pensem: o que eles deveras sabem e que são felizes.

Eu cismava estas e outras coisas, quando me estava preparando para entregar a minha vida às quietas delícias dum casamento, que faria rir de piedade os meus amigos.

## IX

Fui.

No carvalhal que forma o ádito da povoação de Soutelo, esperavam-me os quatro clérigos, o sargento-mor, o abade, o boticário, e o juiz eleito. Abraçaram-me todos sem ser apresentado aos três personagens, que ampliavam o círculo das minhas relações. Aquela boa gente das aldeias vem direita a um homem, dá-lhe um abraço de amolgar as costelas, e levanta-o ao ar na veemência de sua credulidade. Coisa que nunca por lá me disseram foi: «Aqui lhe apresento o Sr. Fulano.»

Os fulanos da aldeia julgam-se sempre assaz visíveis para dispensarem que outrem diga deles: «Aqui lho mostro.»

Abalámos dali para casa.

Tomásia veio receber-me ao patim da escada, e logo me perguntou pelo *Agnus Dei*. Mostrei-lho, tirando-o do peito. A contente moça beijou a relíquia, e disse:

- Vê, meu pai? Cá o tem ao peito. Vossemecê dizia que o Sr. Silvestre não punha isto!... Eu bem sabia que ele era cristão!

Estava a mesa posta, e coberta de pratos de trutas e escalos, entre açafates de fruta.

Merendamos, e ficamos em palestra na varanda de cantaria até ao toque das ave-marias.

Depois da reza, saíram os convidados; os padres também saíram para rezar breviário, o sargento-mor foi tomar um banho no rio, e eu fiquei sozinho com Tomásia.

Coaxavam as rãs, e zumbiam os besoiros. Dos soutos e carvalheiras vinha o pio gemente das corujas e dos mochos. Os morcegos voejavam por entre os pilares da varanda. Nas cortes, vizinhas da casa, balavam os cordeiros, e refocilavam-se as cabras, produzindo o som cavo do embate das marradas: - divertimento que a humanidade usa com menos estrondo e mais às claras.

Tomei a mão de Tomásia, e disse-lhe:

- És muito minha amiga?

- Sou - respondeu ela, dando a outra mão, que eu apertei entre as minhas.

- És feliz em casar comigo?

- Agora é que tenho quanto desejo.

- E, se eu não voltasse, se eu não casasse contigo, eras desgraçada?

- Deus me livre! Morria como a menina de Chaves.

- E, se te dissessem que eu gostava doutra mulher, querias-me?

- Se o Sr. Silvestre gostasse doutra, não me queria a mim.

- Mas se eu viesse a gostar depois de casado?

Tomásia retirou as mãos. Não sei se perdeu a cor, que era insuficiente a claridade das estrelas para este estudo.

- Porque tiras as tuas mãos das minhas?! - perguntei.

Tomásia deu-as outra vez, sem responder.

Insisti na pergunta.

- Isso não pode ser - disse ela.

- O que não pode ser?

- Casar comigo, e gostar doutra depois... Meu pai quis sempre muito a minha mãe, e todos os casados, que conheço, são como era meu pai.

- E eu serei como eles, minha amiga. Não penses mais nestas perguntas.

Abracei-a, dei-lhe um beijo na face, e deixei-a ir dar as ordens para a ceia.

O beijo recebeu-o sem estremecimentos de pudor, como as donzelinhas dos romances.

## X

Dois dias depois, às seis horas da manhã, ouvi um tiroteio que vinha soando das montanhas e vales convizinhos da aldeia.

Eram os amigos do sargento-mor, chamados e não chamados a festejar o casamento da *morgada*. Assim a denunciavam por ser filha única.

Encheram-se os extensos casarões de gente. Chamavam lá sobrados e casarões ao que nas terras, onde já chegou a ilustração das palavras, se chamam «salas».

Vinham, à mistura com os lavradores, muitas moças de alegres rostos, com abadas de flores desfolhadas.

O juiz eleito vestia casaca, e o boticário parecia trazer na gola da sua todo o laboratório farmacêutico.

Tomásia trajava de cetim azul. Fora mandado ir de Chaves o vestido. A irmã do juiz eleito, que estivera a banhos na Foz, penteou-a à moda do Porto; mas a minha noiva, vendo-se ao espelho, desmanchou o penteado, e formou da grande trança loira um diadema, sem mais enfeites que uma rosa de Alexandria. Por cima dos ombros, que o vestido deixava nus, lançou Tomásia um xaile de *Tonkin* escarlate, que eu havia mandado a minha mãe e ela nunca vestira.

Saímos para a igreja entre alas de activo bombardeamento.

Eram centenaes de pessoas d'ambos os sexos.

As velhas erguiam as mãos aos Céus, exclamando:

- Como tu vais linda! Bendito seja Deus! Pareces Nossa Senhora!

Confessámo-nos, comungámos, e recebemos as bênçãos.

Desde que saímos da igreja até à entrada de casa, caminhámos sempre debaixo de nuvens de flores. O estrondo dos bacamartes era atroador, e os dois sinos da freguesia repicaram desde que saímos do templo até ao anoitecer desse dia.

Meia hora depois que chegámos, entrei no quarto de minha mulher, e encontrei-a de joelhos diante duma imagem de *S. João dos Bem-Casados*.

Ergueu-se ela, benzendo-se, e esperou que eu a beijasse pela segunda vez. Penso que o público me releva a confissão de que, ao dar-lhe este segundo beijo, encontrei os lábios. Era o instinto das sensações agradáveis, mas honestas, que ensinou a minha mulher o segredo do máximo prazer de um beijo.

Estava o almoço na mesa.

In *Coração, Cabeça e Estômago*, de Camilo Castelo Branco.